

UM TESTEMUNHO DO CÁRCERE: O CASO SOBREVIVENTE ANDRÉ DU RAP (DO MASSACRE DO CARANDIRU)

ISADORA NUÑEZ DE MATTOS¹; AULUS MANDAGARÁ MARTINS²

¹Universidade Federal de Pelotas – isadoranunez@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – aulus.mm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho visa analisar, dentro da área do conhecimento de Linguística, Letras e Artes, a nova literatura de cárcere brasileira através da obra *Sobrevivente André Du Rap (do massacre do Carandiru)* (2002) de autoria do ex-detento José André de Araújo e do jornalista Bruno Zeni. Essa nova literatura, produzida por presos comuns, e ainda não muito discutida, apresenta-se como uma quebra do paradigma de representação da experiência prisional no contexto brasileiro, antes dominado pelos relatos de presos políticos. Algumas de suas características são, além da representação da violência, as representações de valores aprendidos durante a passagem pelo sistema prisional como, por exemplo, a humildade.

Entende-se que essa nova literatura, e mais especificamente a obra estudada em questão, apresenta aparente familiaridade com a corrente hegemônica de literatura de testemunho produzida na América Latina a partir da segunda metade do século XX, o *testimonio* latino-americano. Nessa corrente, a identidade de um grupo social subalterno e normalmente subjugado à força Estatal emerge através do depoimento de uma testemunha representativa de tal grupo a um narrador de ofício, que poderia ser tanto um escritor, um etnólogo ou um jornalista. Essa sensação de familiaridade entre *Sobrevivente André Du Rap (do massacre do Carandiru)* (2002) e essa corrente é produzida devido ao fato de que a obra traz o relato de uma testemunha excluída dos circuitos sociais e culturais dominantes, bem como e principalmente pelo fato de que o livro é constituído, além de material gráfico como fotos e cartas de André quando estava na prisão, pelas transcrições das entrevistas concedidas pelo ex-detento ao jornalista Bruno Zeni, responsável pela montagem do livro.

Sendo assim, o objetivo do trabalho é verificar essa aparente familiaridade entre a obra e a corrente do *testimonio* latino americano através da análise das estratégias discursivas e dos pressupostos políticos e ideológicos presentes tanto nas obras o *testimonio* quanto no livro de André Du Rap e Bruno Zeni. Para tal, foram utilizados como referências no estudo das características dessa nova literatura de cárcere os trabalhos de GINZBURG (2008), LEITE (2006), MANDAGARÁ MARTINS (2013), PALMEIRA (2006) e (2011) e SELIGMANN-SILVA (2003) e (2006), servindo os dois últimos trabalhos também como referência para o estudo dos conceitos de literatura de testemunho e suas correntes, aos quais se somam os trabalhos de BEVERLEY (1987), MARCO (2004), RANDALL (1992), SANCHEZ (s/d), SKLODOWSKA(1993) e YÚDICE (1992).

2. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica que envolveu: a leitura detalhada da obra; leitura, resumo e fichamento da fortuna crítica da obra e de textos teóricos sobre a literatura de testemunho; comparação entre os dados obtidos pelos procedimentos supracitados e a obra.

No que diz respeito à literatura de testemunho, verificou-se em trabalhos como o de MARCO (2004) que muito se discute se o testemunho pode ser considerado de fato um gênero literário, pois é um texto que se pretende veiculador de uma experiência real, representada o mais fielmente possível. A favor da classificação, a autora destaca o fato de que, como qualquer outro gênero literário, o testemunho foge a classificações rígidas e, ainda destaca a instituição da categoria *testimonio* no prêmio Casa de las Américas em 1970. Ainda no texto de MARCO (2004) e em outros como o de SELIGMANN-SILVA (2003), encontramos a informação de que existem basicamente duas correntes de literatura de testemunho. Uma delas é a da Shoah, que traz os relatos dos sobreviventes dos campos de concentração nazistas e possui como principais características a necessidade de contar as atrocidades presenciadas para que não se repitam, o constante embate entre memória e esquecimento promovido pelo trauma e a incapacidade de transmitir pela linguagem o sentimento de dor. A outra, é a do *testimonio* latino-americano. Tratam-se de obras produzidas na América Latina durante o século XX, com maior produção a partir da segunda metade do século. Textos como os de SANCHEZ (s/d) e de MARCO (2004) ressaltam a variedade de textos produzidos sob o rótulo de *testimonio* que vai desde relatos dos presos políticos das ditaduras militares, a vida de mártires das revoluções como, por exemplo, dos líderes Sandinistas na Nicarágua e, por último, a acepção considerada hegemônica no contexto latino americano: a representação da identidade de grupos subalternos explorados ou dizimados pela violência estatal.

Sobre essa segunda corrente de literatura de testemunho e sua manifestação hegemônica, trabalhos como os de BEVERLEY (1987) e RANDALL (1992) esclarecem questões relativas à estrutura e aos procedimentos que compõem um *testimonio mediatizado*, como, por exemplo os procedimentos de recolhimento dos testemunhos, a transcrição, a organização do relato e os materiais de apoio. No que diz respeito aos pressupostos ideológicos ligados à produção e ao trabalho do gestor (ou narrador de ofício) que em tese precisaria se apagar do relato para fazer emergir a identidade do grupo através do relato da testemunha e dos materiais de apoio, os trabalhos de YÚDICE (1992) e SKLODOWSKA (1993) são representativos. YÚDICE (1992) destaca a importância das produções tanto para o entendimento e contraponto dos processos históricos, bem como para a tentativa de diminuir a situação de desigualdade social em que os grupos se encontram. Já SKLODOWSKA (1993), aponta para os problemas que podem surgir da atuação do narrador de ofício como gestor dos *testimonios*. Ela alerta ao fato de que ao editar e transformar o discurso da testemunha em um discurso aceitável pelos padrões culturais das classes dominantes (como, por exemplo, modificar a fala da testemunha em nome de uma proteção contra preconceitos linguísticos), o gestor pode estar perdendo a essência daquilo que lhe é narrado e caindo na prática que Geertz (s/d) apud Sklodowska (1993) chamaria de “ventriloquia etnográfica” (p.83) e que, segundo a autora, Elizabeth Burgos faz com a fala de Rigoberta Menchú em *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia* (1983), obra paradigmática do *testimonio* mediado. A autora também alerta sobre o excesso de materiais de apoio que, na tentativa de legitimarem o relato, podem acabar relativizando-o.

Já os trabalhos de GINZBURG (2008), LEITE (2006), MANDAGARÁ MARTINS (2013), PALMEIRA (2006) e (2011) e SELIGMANN-SILVA (2003) e (2006) tratam

da obra inserida no contexto da nova literatura de cárcere brasileira e de sua proximidade com o *testimonio* latino-americano, destacando questões como a relação entre trauma e linguagem, representação da violência, transformação da experiência em testemunho e legitimação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa já se encontra concluída e, com base nas análises feitas, apresenta os resultados apresentados a seguir.

Aparentemente, Bruno Zeni utiliza os mesmos procedimentos de um gestor clássico, pois no prólogo do livro o autor explica que, na tentativa de ser o mais fiel possível às particularidades da fala de André, manteve, além do caráter oral da sua narrativa, "(...) as suas incongruências e incorreções – por acreditar que não se pode separar a forma e o conteúdo daquilo que se diz, se escreve ou se cria (DU RAP; ZENI, 2002, p.10)". Entretanto, no mesmo prólogo, Zeni afirma ter suprimido perguntas orientadoras das entrevistas, deslocado a narração do episódio do massacre para o início da seção "Depoimento", bem como ter escolhido trechos dos depoimentos que André gravou sozinho para a seção "Free Style". Ao fazer isso, Bruno marca sua presença no livro, reforçando-a com um artigo acadêmico fixado ao final e, ao mesmo tempo que legitima o depoimento de André pela manutenção da forma do discurso da testemunha, insere o livro nos circuitos culturais pela manutenção da sua própria forma de discurso. O fato de deixar explícita sua presença como parte influente para a montagem do livro também traz a solução de um dos maiores problemas do *testimonio* – a impossibilidade de fusão das identidades de gestor e testemunha – e, com isso, aponta para o fato de que a obra não possui os mesmos pressupostos políticos e ideológicos do *testimonio* clássico. O livro não possui mais o objetivo de fazer vir à tona a identidade de um grupo subalterno através do relato de uma testemunha significativa – ainda que no discurso de André as pessoas verbais "eu" e "nós" se alternem e, na maioria das fotos que compõem o material gráfico André apareça ao lado dos seus amigos, seus "aliados", como os chama. A clara interferência de Bruno ao deslocar trechos dos depoimentos, escolher outros e os organizar de maneira fragmentada (nas seções "Depoimento", "Fragmentos de uma correspondência", "Free Style (de improviso)" e "Aliados") aponta para o fato de que o livro pretende na verdade evocar a memória coletiva que se tem do massacre e denunciar o sistema prisional e as dificuldades de sobrevivência dentro dele através do relato preñado de trauma fornecido por André. Trauma este que se apresenta na narração através de elipses, reticências e idas e vindas de cenas traumáticas provocados pelos movimentos de rememoração e esquecimento e que, segundo autores como SELIGMANN-SILVA (2006) e PALMEIRA (2006) é reduplicado e mimetizado pela própria forma de organização do livro.

Isso confirma a afirmação de SELIGMANN-SILVA (2006) de que a relação entre política e arte na América Latina mudou desde a época em que eram produzidos os *testimonios* mediados clássicos. Agora a violência retratada pelo testemunho não é mais somente promovida pelo Estado, mas está latente à sociedade e, por isso, exige uma nova forma de ser expressa.

4. CONCLUSÕES

Após a realização da pesquisa, pode-se concluir que ela mostra que a nova literatura de cárcere brasileira e a obra *Sobrevivente André Du Rap (do massacre do Carandiru)* (2002) podem estar apontando para o desenvolvimento de uma forma brasileira de literatura que se pretende veiculadora de uma experiência real baseada na representação da violência. Uma forma de certa maneira influenciada pelo *testimonio*, mas que já apresenta contornos próprios.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEVERLEY, John. Anatomía del testimonio. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**. [s.l.], Ano 13, Nº 25. 1987, p. 7-16. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4530303>
- DU RAP, A. **Sobrevivente André Du Rap (do massacre do Carandiru)**. São Paulo: Labortexto Editorial, 2002.
- GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 3, p. 61-66, 2008.
- LEITE, Carla Sena. Vozes do Carandiru: estudo comparativo de quatro narrativas do massacre. **Encontro da Ulepicc – Brasil**, I, 2006, Niterói.
- MANDAGARÁ MARTINS, Aulus. O corpo e a voz da prisão: testemunho e experiência na literatura de cárcere. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 35, n. 3, p. 193-202, 2013. Disponível em: < <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/17732> >
- MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de estado.[s.l.] **Lua Nova**. Nº 62. 2004, p. 45-68.
- PALMEIRA, Maria Rita. Cada história uma sentença: anotações sobre *Sobrevivente André Du Rap*. **Estudos de literatura brasileira contemporânea: Literatura e testemunho**. Brasília. Nº 27.p.59-77. 2006.
- _____. “Neste mundo fora do mundo”: estigma e literatura nas escritas prisionais recentes. **Itinerários**, Araraquara, n.32. p.75-82. 2011.
- RANDALL, Margaret. ¿Qué es y cómo se hace un testimonio? **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**. [s.l.], Ano 18, Nº 36, La voz del Otro: Testimonio, Subalternidad y Verdad Narrativa. 1992, p.23-47. Disponível em: < www.jstor.org/stable/4530621 >
- SANCHEZ, Ana Maria Amar. **La ficción del testimonio**. Buenos Aires: [s.n], [s.d.], p. 447-461.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Novos escritos dos cárceres: uma análise de caso. Luiz Alberto Mendes, Memórias de um sobrevivente. **Estudos de literatura brasileira contemporânea: Literatura e testemunho**. Brasília. n. 27.p. 35-58. 2006
- _____. Violência, Encarceramento, (In) Justiça: Memórias de histórias reais das prisões paulistas. **Revista Letras**, nº 43. São Paulo: UNESP, 2003, p. 29-47.
- SKLODOWSKA, Elzbieta. ¿Ventriloquia o heteroglosia? (Barnet/Montejo; Burgos/Menchú). **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**. [s.l.], Ano 19, Nº 38. 1993, p.81-90. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/4530675> >
- YÚDICE, George. Testimonio y concientización. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**. [s.l.], Ano 18, Nº 36, La voz del Otro: Testimonio, Subalternidad y Verdad Narrativa. 1992, p.211-232. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/4530631> >